

TEXTUALIDADE A RESPEITO DO CASO PULSE: MÍDIAS, REFERENCIALIDADES E LGBTFOBIA

Ettore Stefani de Medeiros⁵¹
Caio Benevides Pedra⁵²

RESUMO

Em 2016, um homem armado entrou na boate LGBT Pulse em Orlando, matando 50 pessoas e ferindo outras ⁵³. A cobertura midiática sobre a tragédia fez surgir inúmeros acontecimentos, que deram novos contornos ao caso. Dialogando metodologicamente com as noções de texto-textualidade de Abril e de referencialidade de Ricoeur, objetivamos analisar de que forma os textos midiáticos sobre o caso Pulse conduziram o debate público. Percebemos que a trama midiática que foi sendo costurada sobre o atentado oferecia, a cada momento, novos modos de ver o crime e as motivações do criminoso, trama que esteve por vezes assentada em estereótipos e/ou LGBTfobia.

Palavras-chave: Pulse. LGBTfobia. Textualidade. Referencialidade. Mídia.

INTRODUÇÃO

Em 2016, um homem armado entrou em uma boate LGBT⁵³ em Orlando (Estados Unidos) durante uma festa de temática latina e abriu fogo contra seus frequentadores, matando 50 pessoas e ferindo outras 53 (G1, 2016). O evento, que completou três anos em 2019, foi um dos maiores atentados contra pessoas LGBT no mundo. A tragédia fez surgir inúmeros acontecimentos que, para além da própria situação criminosa, emergiram e deram novos contornos ao caso: descobriu-se que o atirador, chamado Omar, era islâmico; seu pai afirmou à época que ele havia visto dois homens se beijando recentemente e isso o teria incomodado; frequentadores da boate disseram que Omar já havia sido visto outras vezes na boate; e usuários de aplicativos de encontro gay reconheceram Omar em um dos perfis.

Vemos tais acontecimentos enquanto textos. Afastando-se de uma visão verbocêntrica que vislumbra texto somente como aquilo que se refere ao verbal, Abril (2007) compreende o conceito enquanto uma unidade de comunicação multissemiótica, que abarca várias possibilidades de formato e sentido. Por esta perspectiva, há textos verbais, audiovisuais, sonoros, corporais, os quais repercutem em diferentes processos de significação. Um deslocamento feito pelo autor é compreender o texto enquanto textualidade, de tal modo que um determinado fenômeno social não deve ser visto isoladamente, mas como um processo dinâmico que se encontra ligado a vários outros textos. No objeto de estudo deste trabalho, não tomamos o tiroteio como um produto dado e estável, mas como um evento contínuo que é negociado e mutante temporalmente. As variações narrativas do caso Pulse vão ocorrendo conforme se dá a emergência de novos atores, instituições, descobertas e associações ligados ao caso, que se tramam e permitem ver o acontecimento por novos ângulos.

Para dialogarmos com o caso Pulse de forma específica, trazemos Ricoeur (1989; 2010), cuja noção de texto difere da de Abril: ela associa-se ao discurso escrito. Ricoeur tampouco compreende o texto como objeto fechado, portador de sentidos apriorísticos. O pensador coloca em prática essa perspectiva ao tratar a referencialidade presente no texto, livre para juntar-se a outros textos em decorrência de atos interpretativos. Frisamos que utilizaremos a noção de texto-textualidade de Abril como pano de fundo e a perspectiva de referencialidade de Ricoeur como linha de frente para análise do objeto, sobretudo em sua dimensão midiática. Valendo-nos metodologicamente dessas teorias, este trabalho objetiva analisar de que forma os textos midiáticos, feitos por jornalistas ou usuários de mídias sociais online, sobre o caso Pulse conduziram o debate público, por vezes mantendo uma relação com discursos estereotipados e/ou LGBTfóbicos.

51 Doutorando e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais Gerais com pesquisas relacionadas com LGBTfobia e cultura LGBT. Pós-graduado em MBA em Marketing Digital pelo Instituto de Gestão em Tecnologia da Informação. Bacharel em Publicidade e Propaganda – Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ettoremedeiros@gmail.com

52 Mestre em Direito pela UFMG e em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro com pesquisas relacionadas ao acesso à cidadania pela população LGBT. Bacharel em Direito pela UFMG e especialista em Gestão de Instituições de Ensino Superior pela mesma universidade. Membro do projeto de extensão “Diverso UFMG”, do Grupo de Pesquisa “Estado, Gênero e Diversidade” (EGE-DI-FJP) e da Comissão de Diversidade Sexual da OAB/MG. E-mail: caiopedra@gmail.com

53 O reconhecimento de identidades não hegemônicas de gênero e sexualidade já se encontra extremamente avançado e essa sigla já é bem maior, além de nunca parar de crescer. Nesse trabalho, no entanto, optamos pela utilização de “LGBT” – referente a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneras – por ser a formação atualmente reconhecida pelo Estado brasileiro em seus documentos oficiais.

ENTRE O REAL E O FICCIONAL: TEXTOS MIDIÁTICOS SOBRE OMAR

Os textos que foram surgindo no decorrer da cobertura do caso Pulse parecem misturar elementos históricos e ficcionais. Para Ricoeur, a intersecção entre esses elementos compõe as narrativas, por mais próximas do “real” que elas possam ser. A referencialidade encontra-se nesta intersecção: a história remete a uma referência que está no passado “real” (representância), enquanto a ficção, a uma referência associada ao “poder ser” (significância), que cria possíveis passado, presente e futuro. Sobre isso, o passado não se encontra pronto em uma narrativa, mas é interceptado pelo presente na medida em que há o esforço de trazer o passado ao presente. Logo, há certo potencial criativo em narrativas, que se equilibram entre o passado “real” e o passado “criado”.

Ricoeur ainda retrata a questão cultural que envolve o texto, cuja emergência está diretamente imbricada no contexto dos sujeitos. O meio cultural, portanto, aciona outros textos e temporalidades, que reconfiguram a textualidade. Assim, o texto está fora do mundo, de maneira que a referencialidade é dependente também das pessoas que tomam o texto, fazendo com que ele seja livre para se juntar a outros textos, diacrônica e sincronicamente. O ato interpretativo textual, tomado como apropriação, suscita referencialidades em uma textualidade.

Para ilustrar essas discussões teóricas, observemos Omar e como se deu a criação desse personagem pela mídia. Após o atentado, uma das primeiras notícias jornalísticas que surgiu sobre Omar elucidava o fato de ele ser muçulmano (BEGLEY, 2016), o que imediatamente fez surgir especulações sobre ele ter sido treinado pelo Estado Islâmico (EI), o que elevaria o crime à figura de atentado terrorista e religioso. Desenvolveu-se um debate social pautado por temas sensíveis, como intolerância religiosa, terrorismo e xenofobia.

O fato de o sujeito ser muçulmano direcionou o crime mais como religioso do que como discriminatório: o então governador da Flórida, Rick Scott, reconheceu inicialmente a ação como terrorista, cometida por um islâmico, e não como LGBTfóbica (MUNZENRIEDER, 2016). De tal forma, houve a invisibilização da violência sofrida pelo grupo socialmente minoritário, focalizando a problemática mais na presença de islâmicos nos Estados Unidos do que em assassinatos motivados por ódio. Butler (2015) afirma que estas duas ações estatais, uma que desenvolve políticas anti-islâmicas e outra que recusa, em alguma medida, o reconhecimento aos LGBT, atuam em conjunto a fim da manutenção de uma ambiência cultural normativa, heterossexual e racista.

A seguir, o pai de Omar foi entrevistado e afirmou que o filho havia visto dois homens se beijando recentemente (KAZEM, 2016), o que o havia irritado muito. O tiroteio na Pulse, então, poderia ter sido motivado por vingança, o que enquadraria o crime como homofóbico. A entrada deste texto midiático na narrativa do caso imediatamente lançou luz sobre discussões acerca da homofobia e abriu espaço para a culpabilização das vítimas, postura comum em análises de crimes de ódio. Evidencia-se aqui a maneira como o meio cultural aciona outros textos e temporalidades: a LGBTfobia permite que as vítimas do atentado sejam consideradas culpadas.

À época, circulou em inúmeros portais de comunicação, alguns até mesmo voltados ao público LGBT no Brasil, como “Purpurinado” e “Põe na Roda”, textos que, atualmente apagados, colocavam Omar como um homem gay enrustido. A responsabilidade do crime, então, se daria a partir de um desejo recalcado, não por uma prática homofóbica vinda de um heterossexual. Embora tenham sido encontrados vestígios da presença de Omar na boate em outras noites, bem como de que ele usava aplicativos de encontro gay, tais indícios não aparecem nas narrativas midiáticas como possibilidade de Omar estar planejando o crime. O visível encontrado nos textos midiáticos sobre o caso também abre espaço para investigarmos o invisível (ABRIL, 2012): por que não se considerou que Omar frequentava ambientes LGBT como forma de planejar o atentado? Por que a referencialidade desse texto investe na “descoberta” do desejo homossexual de Omar?

Nessas notícias, a culpabilização pelo tiroteio recairia sobre o próprio grupo vitimado: sendo Omar homossexual, o atentado teria ocorrido entre pares. Isso reforça um movimento social que minimiza ou silencia crimes cometidos contra minorias sociais. Nesse sentido, os textos midiáticos ao mesmo tempo em que são constituidores da cultura em que se inserem também a constituem. Como afirma Hepp (2013), o pesquisador deve perceber a mídia como uma instituição autônoma, a qual é influenciada por outras instituições.

Posteriormente, o Departamento Federal de Investigação (cuja sigla, em inglês, é FBI) divul-

gou uma nota (BERKE, 2016) expressando que não foi encontrado nenhum indício de que Omar fosse gay. A declaração, no entanto, não pareceu ser mais capaz de desfazer a personagem. A essa altura, a figura de Omar passara a carregar em si certo desprezo social que é dispensado à população LGBT em uma sociedade estruturalmente LGBTfóbica. A desqualificação e desumanização de grupos considerados “perigosos”, segundo Gallego (2019, p. 85), é um processo estatal que conta com o apoio da imprensa para legitimar a violência do Estado contra todos aqueles que não são considerados cidadãos, criando hierarquizações e punições para quem não se enquadra nos padrões exigidos.

Nesse mesmo sentido, o destaque noticioso de que Omar era islâmico costurou uma trama narrativa intensa que referenciou outros textos: fundamentalismo religioso, imigração, porte de armas nos Estados Unidos. A suspeita de que Omar foi treinado pelo El ganhou visibilidade midiática que transitou entre o “poder ser” e o “passado real”, até que, após investigações, constatou-se que não havia ligação entre o atirador e o grupo (PRAGMATISMO, 2016). Essa referencialidade não veio do texto em si, mas de sujeitos e de seu contexto, na medida em que o terrorismo é algo amplamente discutido desde o atentado de 11 de setembro, o que tem repercutido na constante estereotipação dos islâmicos.

De tal forma, longe de serem apenas representação, os textos também são atuantes na construção da cultura, como expõe Ricoeur (1989). Falar das notícias da Pulse apenas como formas de representar um caso parece uma postura simplista: há narrativas ali que influenciam os modos de ser e estar no mundo, incluindo as midiáticas, cuja ação ajuda a modelar e transformar as percepções e interpretações sociais dos sujeitos (HEPP, 2013).

MIDIATIZAÇÃO E INTERMÍDIA: A AÇÃO DE DIFERENTES ATORES E MÍDIAS NO CASO PULSE

Durante o atentado, notamos a presença de práticas que podemos associar à midiáticação. Para Hepp (2013), este conceito tem a ver com o cenário em que vivemos atualmente, em que a união de diversas mídias molda nossas práticas sociais. A partir de duas perspectivas, a institucionalista e a socioconstrutiva, o autor propõe a conjunção crítica entre estudos de mídia de massa e estudos de comunicações cotidianas, sobretudo das mídias digitais e da comunicação pessoal, o que culmina na interrelação entre as mudanças midiáticas e as mudanças socioculturais.

Tragamos novamente nosso objeto: um homem presente na boate durante o tiroteio manda uma mensagem para sua mãe (CBS NEWS, 2016), via mídia social, explicando que está preso no banheiro e que Omar está indo matá-lo. Sua mãe, depois de fazer perguntas para localizar o filho, chama a polícia. Infelizmente, durante o diálogo, o homem é assassinado por Omar. Seu último contato antes de falecer desencadeia a chegada da polícia à Pulse: tal texto aparece como um agenciador na textualidade, cujo dinamismo, enquadrado num processo de midiáticação, permitiu que Omar fosse interpelado antes de cometer mais assassinatos. A referencialidade deste texto teve caráter projetivo, construindo determinado futuro com a chegada da polícia à Pulse.

A própria Pulse, em sua página do Facebook, fez uma postagem durante o tiroteio em que pedia para que todos se retirassem do ambiente porque corriam perigo⁵⁴. Tais textos, futuramente, foram referenciados em mídias sociais digitais e mídias de massa como fragmentos da narrativa (HEPP, 2013), sendo vestígios com função de representância. Vemos, com estes exemplos, como a mídia não está deslocada da realidade social, mas totalmente imbricada nela, sendo improdutivo, pela ótica da midiáticação, separar essas duas instâncias.

Ainda falando sobre as narrativas midiáticas, podemos lançar olhar para a intermídia, uma rede de mídias que contém lógicas distintas e hibridações. Alzamora (2012) afirma como as mídias, em conjunção na contemporaneidade, têm criado teias de relações que reconfiguram o espaço midiático.

No caso Pulse, deparamo-nos com o vídeo de um canal televisivo estadunidense em que um homem identificado como Miguel diz ter tido um relacionamento de dois meses com Omar após tê-lo conhecido pelo Grindr, um aplicativo de encontro gay. Miguel, durante a entrevista, afirma que ambos teriam feito sexo a três com um porto-riquenho soropositivo, o que teria causado a revolta

⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/pulseorlando/posts/everyone-get-out-of-pulse-and-keep-running/10154938990430031/>. Acesso em 25 set. 2019.

de Omar e a invasão à Pulse (UNIVISION, 2016). O vídeo, circulado inicialmente na TV, ganhou maior visibilidade nas mídias sociais digitais, onde milhares de outros textos emergiram, sobretudo em comentários e postagens de usuários: Miguel parecia disfarçado, com peruca e maquiagem na entrevista, sendo este um vestígio de que o sujeito era um personagem; a aparição de Miguel seria uma estratégia para que o ataque homofóbico ou terrorista fosse transformado em caso de vingança cometido por um gay enrustido; Miguel seria apenas um ator querendo atenção, usado para trazer visibilidade ao canal de TV.

Aqui, notamos como, pela intermídia, o texto possui vida própria. As intenções de Miguel iam provavelmente na direção de criar uma história, cujas referências estão no passado real, mas um caráter ficcional emergiu a partir dos textos de sujeitos que duvidaram da credibilidade do homem. O “poder ser” da significância deixa fluir as interpretações do texto, o que nos faz refletir sobre o mundo social e cultural presente na textualidade: o texto emergiu não somente a partir de Miguel, da jornalista que o entrevistou e da emissora, mas também de outros veículos de comunicação que recircularam o produto midiático e dos sujeitos que receberam, comentaram e difundiram a entrevista. De tal forma, novos textos reconfiguraram a textualidade midiática do caso inteiro, retrazendo no presente o que se pensava do passado e fazendo um movimento projetivo futuro: pode ser que o porto-riquenho apareça, pode ser que Miguel afirme que realmente sua aparição foi estratégica para ganhar visibilidade, pode ser que o FBI investigue a situação para comprovar sua veracidade.

Vemos no texto de Miguel o papel da intermídia enquanto articuladora das referências que desenham o caso Pulse, complexificando o fenômeno em uma trama que hibridiza diferentes mídias, textos e locais de fala. A intersecção de lógicas divergentes, a de massa e a de mídia social, mostra uma audiência cada vez mais sofisticada e fragmentada, que facilita a emergência de novos textos (ALZAMORA, 2012). Sem as mídias sociais digitais, por exemplo, a entrevista poderia ter sido pouco explorada, o que não ocorreu quando ela foi transposta para Facebook e Twitter, por exemplo. As indagações que surgiram com relação ao vídeo verificaram o processo de uma mídia para a outra, conferindo novos valores e adicionando conteúdo ao fenômeno. Essa força que a audiência ganha por meio da intermídia concatena-se ao de *produsage* (BRUNS apud Alzamora, 2012), conceito que une a ideia de consumidores e produtores em uma só prática. Na cultura intermidiática em que vivemos, os textos que emergem vêm não apenas de grandes conglomerados de mídia, estrategicamente organizados, mas também de pequenos grupos, senão de indivíduos, que parecem ampliar ainda mais a dinamicidade da trama com novas referencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, percebemos que os textos que foram produzidos e repercutidos ao longo da cobertura do caso Pulse constituíram-se em trama, formada em grande escala pelas referencialidades acionadas, seja no ato de ocorrência do texto ou em sua interpretação, seja por instituições de comunicação ou por sujeitos sociais comuns.

Os enfoques de cada texto – a religião de Omar, sua origem, sua sexualidade, seu comportamento – foram direcionando o debate público para uma série de discussões específicas e, por vezes, novas em comparação às anteriores. Cada novo texto que emergia gerava espaço para novos textos, interpretações e passados. As variações de características que compunham a personagem ofereciam novas formas de ver o crime e de compreender as motivações de Omar, bem como estavam assentadas em estereótipos que reconfiguravam a própria cobertura midiática do caso, alguns dos quais envoltos em LGBTfobia.

O papel da mídia, guiada pelas noções de *mediatização* e *intermídia*, é significativo para a emergência de narrativas históricas e ficcionais, cuja influência repercutiu na textualidade do fenômeno, reestruturando-o constantemente. Desde a postagem da Pulse durante o acontecimento até a entrevista com Miguel para um canal televisivo, refletimos sobre como as referencialidades ganham dinamicidade no atual contexto de arranjo midiático, de maneira que uma rede complexa e viva passa a guiar fortemente nosso mundo social.

REFERÊNCIAS

ABRIL, G. Análisis crítico de textos visuales: mirar lo que nos mira. Madri: Síntesis. 2007.

_____. Cultura visual: de la semiótica a la política. Madrid: Plaza y Valdes, 2012.

ALZAMORA, G. C. Especificidades da rede intermídia contemporânea: considerações sobre a audiência em contextos reticulares. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 1, p. 50-61, 2012.

G1. Atirador abre fogo em boate gay em Orlando e deixa mortos e feridos. G1, 12 jun. 2016. Mundo. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/atirador-abre-fogo-dentro-de-boate-e-deixa-feridos-nos-eua.html> Acesso em: 24 set. 2019.

BEGLEY, S. Orlando Nightclub Shooter Omar Mateen Was Taunted for Being Muslim. Time, 18 jul. 2016. Disponível em: <https://time.com/4411523/orlando-shooting-pulse-nightclub-omar-mateen-muslim/>. Acesso em: 25 set. 2019.

BERKE, J. FBI: No evidence that Omar Mateen had gay lovers. Business Insider, 24 jun. 2016. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/fbi-no-evidence-that-omar-mateen-had-gay-lovers-2016-6>. Acesso em: 25 set. 2019.

BUTLER, J. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CBS NEWS. As Orlando mass shooting unfolded, son texted mom: "I'm gonna die". CBS News, 13 jun. 2016. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/as-orlando-mass-shooting-unfolded-son-texted-mother-im-gonna-die/>. Acesso em: 25 set. 2019.

G1. Atirador abre fogo em boate gay em Orlando e deixa mortos e feridos. G1, 12 jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/atirador-abre-fogo-dentro-de-boate-e-deixa-feridos-nos-eua.html>. Acesso em: 25 set. 2019.

GALLEGO, E. Quem é o inimigo? retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017. In: PINHEIRO-MACHADO, R; FREIXO, A (Orgs.). Brasil em transe: Bolsonaroismo, Nova direita e Desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo". Revista Matrizes, São Paulo, 2013.

_____. Cultures of mediatization. Cambridge: Polity Press, 2013.

KAZEN, H. Orlando gunman's father condemns atrocity but says 'punishment' for gay people is up to God. The Guardian, 13 jun. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2016/jun/13/orlando-gunmans-father-condemns-atrocity-but-says-punishment-for-gay-people-is-up-to-god>. Acesso em: 25 set. 2019.

MUNZENRIEDER, K. k Scott Has Refused to Say the Words "Gay" and "LGBT" Since Orlando Attack. Miami New Times, 13 jun. 2016. Disponível em: <https://www.miamiherald.com/news/rick-scott-has-refused-to-say-the-words-gay-and-lgbt-since-orlando-attack-8522937>. Acesso em: 25 set. 2019.

PRAGMATISMO. Atirador de Orlando não tinha relação com Estado Islâmico, dizem CIA e FBI. Pragmatismo, 17 jun. 2016. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/06/atirador-de-orlando-nao-tinha-relacao-com-estado-islamico-dizem-cia-e-fbi.html>. Acesso em: 25 set. 2019.

RICOEUR, P. Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés-Editora, 1989.

_____. Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

UNIVISION. Transcript of interview with man who claims to be former lover of Orlando gunman. Univision, 22 jun. 2016. Disponível em: <https://www.univision.com/univision-news/transcript-of-interview-with-man-who-claims-to-be-former-lover-of-orlando-gunman>. Acesso em: 25 set. 2019.